

# ESPAÇO, POLÍTICA E POLÍTICAS NA METRÓPOLE PAULISTANA

## *Apresentação*

Este dossiê traz os primeiros resultados de pesquisas que vêm sendo desenvolvidas no Centro de Estudos da Metrópole, criado no âmbito do programa Centros de Pesquisa, Inovação e Difusão, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), e com sede no Cebap. Essas linhas de pesquisa fazem parte de objetivos mais gerais do Centro, de criar uma base de dados organizada em um Sistema de Informações Geográficas e produzir diagnósticos e análises sobre a Região Metropolitana de São Paulo, buscando assim fornecer subsídios para a formulação e implementação de políticas públicas.

Os artigos aqui reunidos visam identificar padrões espaciais de segregação social e de representação política e analisar sua associação com padrões de ação estatal e de implementação de políticas públicas na Região Metropolitana. Adotam como procedimentos metodológicos comuns o uso de dados georreferenciados e sua análise no maior nível de desagregação possível. Essa estratégia é particularmente importante para o estudo da pobreza e da desigualdade de condições sociais e de acesso a serviços públicos, pois, além de produzir resultados analiticamente importantes, permite realizar um diagnóstico de demandas latentes, ou seja, de grupos que, em virtude das próprias condições de vulnerabilidade em que vivem, não encontram meios de canalizar suas demandas. Dessa forma, estes trabalhos pretendem contribuir não só para o debate acadêmico, mas também para o processo de tomada de decisões sobre políticas sociais.

O primeiro artigo discute o consagrado modelo espacial "radial-concêntrico" (do centro às periferias) de distribuição dos grupos socioeconômicos na Metrópole paulistana. Com base em informações referentes aos setores censitários, Eduardo Marques e Sandra Bitar mostram que o tecido social se organiza de forma muito mais complexa, fragmentada e heterogênea do que a descrita por aquele modelo, baseado em informações agregadas por distritos censitários. Revelam, assim, situações de segregação social e descontinuidade territorial que as médias distritais escondiam e que devem ser levadas em conta no desenho de políticas redistributivas mais eficazes.

O uso de dados desagregados por escolas e pelo setor censitário onde estas se localizam reforça a importância da escala de análise para o diagnóstico da realidade educacional metropolitana. Por meio desse instrumental analítico, Haroldo Torres e Sandra Gomes detectaram significativa variabilidade na conhecida relação entre desempenho escolar e anos de estudo do chefe de domicílio: identificaram áreas em que tal relação não é tão forte, possivelmente refletindo os efeitos do próprio sistema escolar, bem como a concentração de escolas com baixos índices de desempenho dos alunos em espaços caracterizados por alta segregação social, o que sugere a necessidade de políticas mais abrangentes e integradas.

O artigo que trata da política de saúde mostra que a existência de uma ampla rede de atendimento público não garante igualdade de acesso a serviços básicos. Pelo contrário, a ação pública em geral falha em atingir os segmentos mais pobres da população. Com base na análise de mais de quatrocentas mil internações hospitalares no SUS em 2001, considerando o distrito de saúde onde mora o paciente, Vera Schattan e Marcel Pedroso mostram que há uma relação positiva entre a escolaridade e renda dos chefes de família e o gasto *per capita* com esses procedimentos. Mas identificam também alguns distritos periféricos onde tanto o atendimento ambulatorial quanto o hospitalar parecem ser mais adequados.

Por fim, a análise da distribuição de votos nos mais de mil locais de votação da cidade de São Paulo permitiu identificar padrões partidários de agregação dos votos nas eleições transcorridas entre 1994 e 2000. Argelina Figueiredo, Fernando Limongi, Maria Paula Ferreira e Paulo Henrique da Silva mostram que as três principais forças partidárias na cidade — PSDB, PT e PPB — têm desempenho semelhante nos diferentes pleitos e contam com bases de apoio bastante diferenciadas geograficamente e segundo suas características socioeconômicas.

Acompanha este conjunto de artigos um encarte cartográfico que permite visualizar a feição espacial de cada qual dos aspectos abordados. Em suma, os textos aqui apresentados apontam pistas sobre as várias dimensões da segregação social e da desigualdade de acesso a serviços públicos na Metrópole, bem como sobre o comportamento do eleitorado paulistano. Com a continuidade dessas linhas de pesquisa, trabalhos futuros buscarão responder ao desafio de explorar, de forma sistemática, a relação entre essas dimensões.

*Argelina Cheibub Figueiredo*  
*Diretora do Centro de Estudos da Metrópole*